



Chico Xavier e as Bens Aventuranças

CHICO XAVIER

A maior antena **PSÍQUICA**
de todos os **TEMPOS**

Livretos Doutrinários
Vol.05



Autor Intelectual
Leonel Sivieri Varanda

Departamento de Difusão
Doutrinária

INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação

1ª edição – Março/2018 – 5.000 exemplares

Voluntário Colaborador :

LENICE SIVIERI VARANDA

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

**ALAMEDA EUROPA, 1087
BAIRRO MANSÕES AEROPORTO
UBERLÂNDIA - MG**

AME

SUMÁRIO

CHICO XAVIER E AS BEM-AVENTURANÇAS

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I	12
CHICO XAVIER E O CRISTIANISMO	
PRIMITIVO	13
CAPÍTULO II	26
A PÁTRIA DO EVANGELHO.....	27
CAPÍTULO III	38
BEM AVENTURADOS OS AFLITOS	39
CAPÍTULO IV	56
BEM AVENTURADOS OS POBRES	
DE ESPÍRITO	57
CAPÍTULO V	70
CHICO XAVIER E AS	
BEM-AVENTURANÇAS	71
CAPÍTULO VI	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

PREFÁCIO



Chico Xavier e Jarbas Varanda
Fonte: Acervo da família Jarbas Varanda

Os Livretos Doutrinários que aqui se descortinam são uma expressão nítida e real dos passos incansáveis ao Jesus, nosso bem maior.

Desnecessário falar deste irmão em Cristo, que traz na humildade e serenidade do coração as mais belas conjunturas espirituais abraçadas pelo Espiritismo Consolador.

Tivera o prazer do convívio familiar com este nobre espírito, não me deixando dúvidas de sua inquietude no desvendar da Doutrina Espírita. Desvendar sim!

A cada Livreto um convite ao conhecimento da Luz que se brilha no firmamento.

Leonel Varanda, inspirado pelo alto, carrega no intelecto as vibrações de nosso Mentor Espiritual Eurípedes Barsanulfo, baluarte da Terceira Revelação no Triângulo Mineiro.

Justo dizer que pouco contribuí para este luminoso trabalho que se inicia com a objetividade e clareza de um coração puro e emergente para o Plano Maior.

Sua dedicação ao Espiritismo que tão bem o vi praticar, explode hoje em mananciais de Luz norteando o conhecimento da Doutrina.

No resgate do Cristianismo redivivo, os Livretos Doutrinários chegam com esta missão: que possamos compreender a Luz do Evangelho de Cristo, segundo o Espiritismo, o verdadeiro sentido de nossa vida encarnatória e plural.

Não estamos mais na condição de fazedores do destino, mas no cumprimento dos desígnos de Deus.

Minha pequena contribuição para o esclarecimento da Doutrina dos Espíritos se faz aqui, lembrando sempre da exemplificação de nosso irmão Chico Xavier tão bem ilustrada nestas páginas de sabedoria cristã.

Me despeço num largo sorriso, na certeza de que tudo caminha para a execução dos Planos Divinos e retomada da humildade e perseverança do bem crescer em consonância com a máxima de Jesus na prática da caridade e amor ao próximo.

Abençoada seja esta nova empreita de nosso Instituto da Caridade Luz de Livia, que, particularmente, me sinto envolto para as lides da nossa Doutrina Espírita.

Jarbas Leone Varanda

Uberlândia, 24/07/2017.

Psicografia recebida no Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia pela médium Lenice Sivieri Varanda

APRESENTAÇÃO

O Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia nos apresenta a oportunidade do esclarecimento, através da publicação de importantes chamadas da espiritualidade, na forma de livretos básicos doutrinários, cujo conteúdo deverá refletir o pensamento contido nas obras da Codificação, para o serviço de difusão da ideia espírita.

Nada de novo que pudesse chamar a atenção para outros aspectos da Doutrina Espírita, mas, simplesmente, numa ordem diferente, baseado no pressuposto de que a ideia espírita é um manancial riquíssimo de valores e ensinamentos.

Uma forma simples e prática para o entendimento de uma Doutrina que pertence aos Espíritos, e cuja direção superior nos conclama para a fidelidade aos postulados Espíritas, pois que representam, na atualidade, a maior fonte de informações para a compreensão de nossa posição de Espíritos eternos, conscientes e responsáveis perante a vida.

Nesses livretos, encontraremos a Doutrina Espírita, livre e dinâmica, que espelha o propósito de

concretizar a tarefa de consolador prometido, direcionando os esforços dos Espíritas para a finalidade básica do Espiritismo, que se encontra na revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus.

E, nesse sentido, vamos verificar a luminosa coerência entre o edifício da Codificação, base que se sustenta na lógica e na simplicidade de Kardec, com a obra extraordinária do médium Francisco Cândido Xavier que nos remete à vivência Cristã, em sua pureza original.

Chico Xavier, ao dar sentido à obra de Kardec, em sua aplicação prática, vivendo e sofrendo os princípios espíritas em toda a sua plenitude, desde a compreensão e aceitação absoluta dos desígnios de Deus, até às esperanças e consolações, quando materializou a coletânea de mensagens de entes queridos, que subiram aos céus em forma de reconhecimento e amor, deixa, a toda humanidade, a expressão máxima do Espiritismo, a sua finalidade principal, na feição do Consolador Prometido.

Portanto, a tarefa reservada ao Instituto Luz de Lúvia, com a publicação dos livretos doutrinários, é dar visibilidade simples e prática à Doutrina Espírita, apoiada, principalmente, na lógica de Kardec e na luz

de Chico Xavier. Um ajuste perfeito, unindo teoria e prática, que busca a substância do Espiritismo, e que se acha personificada na mensagem permanente do Evangelho, expressão fiel da mensagem do Salvador, o Cristo de Deus.

Uberlândia, Primavera de 2017.



CAPÍTULO I

CHICO XAVIER E O CRISTIANISMO PRIMITIVO

CAPÍTULO I

CHICO XAVIER E O CRISTIANISMO PRIMITIVO



Chico Xavier o Evangelho Personificado

A partir de 1910 quando acontece a reencarnação do Espírito que se chamaria Francisco Cândido Xavier, mais conhecido por Chico Xavier, o Espiritismo passa a viver uma de suas mais belas páginas doutrinárias. A vida e a obra do médium Chico Xavier nos levaria a entrar em contato com as raízes do Cristianismo Primitivo, revivendo os personagens que abraçaram a conduta Cristã como símbolo maior da mensagem do Salvador,

mas, sobretudo, em contato com a doutrina de Nosso Senhor Jesus, em sua feição consoladora, agora, à luz da fé raciocinada.

Viver no século de Chico Xavier, em que as páginas psicografadas e sua conduta sempre falaram da presença do Evangelho, resgatando passagens esquecidas, mas de profundo significado histórico para toda a humanidade, foi sentir, de novo, em sua pureza original, os sentimentos de humildade, solidariedade e o devotamento à tarefa de divulgação do Consolador em sua expressão máxima.

Chico não foi simplesmente mais um companheiro na tarefa Espírita, mas o irmão maior, que se fez menor em termos de humildade e devotamento, a nos ensinar o verdadeiro caminho a ser seguido para manter o Espiritismo como foi entregue pelos mensageiros espirituais a Allan Kardec, além de dar sentido às bem aventuranças do Evangelho de Jesus.

O século XX, com a presença de Chico Xavier, foi o século das luzes, talvez superior ao ambiente da

Cidade Luz do Século XIX, pois, enquanto Kardec direcionava o Espiritismo para os aspectos Científicos e Filosóficos, sem esquecer o aspecto Religioso, Chico Xavier, de forma disciplinada, resgata o Cristianismo Primitivo, em sua feição consoladora, dando um direcionamento Religioso para o Espiritismo, sem esquecer os outros aspectos, como afirma o Dr. Jarbas Leone Varanda em seu livro “Tributo a Chico Xavier”.

O Cristianismo esta de volta, veja quem olhos de ver, e o reencontramos vivo e atuante em cada página psicografada pelo médium Chico Xavier, desde o primeiro livro, “Parnaso de Além Túmulo”, lançado em 1932, até o último momento em que ele se recolhe em preces e entrega sua vida e obra a Jesus.

Aliás, a primeira mensagem do primeiro livro tem como título “Temos Jesus”, do poeta Mineiro Abel Gomes, revelando um sinal característico de que nós teríamos Jesus, de novo, nas telas da História, através do lápis do médium mineiro.

Temos Jesus

Desaba o Velho Mundo em treva densa
E a guerra, como lobo carniceiro,
Ameaça a verdade e humilha a crença,
Nas torturas de um novo cativoiro.

Mas vós, no turbilhão da sombra imensa,
Tendes convosco o Excelso Companheiro,
Que ama o trabalho e esquece a recompensa
No serviço do bem ao mundo inteiro.

Eis que a Terra tem crimes e tiranos,
Ambições, desvarios, desenganos,
Asperezas dos homens da caverna;

Mas vós tendes Jesus em cada dia.
Trabalhemos na dor ou na alegria,
Na conquista de luz da Vida Eterna.

E o Cristianismo voltou como o sol que renasce a
cada manhã, pois que nunca nos abandonou, mas
redivivo, em espírito e verdade, através dos
mensageiros que planejaram a obra mediúcnica de

Chico Xavier, notadamente o Espírito de escol, o educador por excelência, Emmanuel. Graças aos esforços bilaterais de Chico e dos Espíritos superiores, recebemos as luzes do Consolador na epopeia do Cristo, tendo como pano de fundo o Cristianismo Primitivo.

E, assim, colecionamos dádivas do mundo maior, a se materializarem no conteúdo de registros históricos, como nos romances mediúnicos e no livro “Boa Nova” altamente espiritualizados, que nos despertam para a vivência simples e humilde dos primeiros Cristãos e seus sacrifícios em favor da concretização do Reino de Deus na Terra. Mentalizemos esses momentos através da narrativa de Emmanuel, descritos no livro Paulo e Estevão.

O velho pregador conduziu, então, o novo adepto para a humilde reunião que se realizava nesse sábado de grandes desilusões para o ex-rabino. Damasco não tinha propriamente uma igreja; entretanto, contava numerosos crentes irmanados pelo ideal religioso do “Caminho”. O núcleo de orações era em casa de uma lavadeira humilde, companheira de fé, que alugava a

sala para poder acudir a um filho paralítico. Profundamente admirado, o moço tarsense enxergou ali a miniatura do quadro observado pela primeira vez, quando tivera a curiosidade invencível de assistir às célebres pregações de Estevão em Jerusalém. Em torno da mesa rústica, juntavam-se míseras criaturas da plebe, que ele sempre mantivera separada da sua esfera social. Mulheres analfabetas com crianças ao colo, velhos pedreiros rudes, lavadeiras que não conseguiam conjugar duas palavras certas. Anciões de mãos trêmulas, amparando-se a cajados fortes, doentes misérrimos que exibiam a marca de enfermidades dolorosas. A cerimônia parecia ainda mais simples que as de Simão Pedro e seus companheiros galileus. Ananias chefiava e presidia o ato. Sentando-se à mesa, qual patriarca no seio da família, rogou as bênçãos de Jesus para a boa-vontade de todos. Em seguida, fez a leitura dos ensinamentos de Jesus, respigando algumas sentenças do Mestre Divino nos pergaminhos esparsos. Depois de comentar a página lida, ilustrando-a com a exposição de fatos significativos, do seu conhecimento, ou da sua experiência pessoal, o velho discípulo do Evangelho

deixava o lugar, percorria as filas de bancos e impunha as mãos sobre os doentes e necessitados. Comumente, segundo o hábito das primeiras células cristãs do primeiro século, ao memorar as alegrias de Jesus quando servia o repasto aos discípulos, fazia-se modesta distribuição de pão e água pura, em nome do Senhor. Saulo serviu-se do bolo simples, enternecidamente. Para sua alma, o cibo mesquinho tinha o sabor divino da fraternidade universal. A água clara e fresca da bilha grosseira soube-lhe a fluído de amor que partia de Jesus, comunicando-se a todos os seres. Ao fim da reunião, Ananias orava fervorosamente (Emmanuel, Paulo e Estevão).

A descrição de Emmanuel fala da simplicidade das primeiras práticas Cristãs, todas recheadas de amor e solidariedade. Mas, no século XX, o século de Chico Xavier, esses ambientes foram sendo resgatados pelo movimento espírita, e as Casas Espíritas, ao levantarem a bandeira da caridade, conseguiram imprimir o selo da humildade Cristã em suas práticas. Diversas orientações nasceram dos lábios de Chico Xavier para que as Casas Espíritas preservassem o ideal Cristão, ou seja,

que o seu interior fosse povoado de almas simples e humildes, em ambientes que não impedissem as manifestações da Espiritualidade Superior, e os mais desvalidos socialmente se sentissem na presença do Senhor, convivendo como irmãos e sem constrangimentos.

Os que tiveram a oportunidade de viver o Espiritismo no século de trabalho de Chico Xavier puderam sentir a emoção do puro Cristianismo, seja em Pedro Leopoldo, na primeira Casa Espírita, na casinha humilde da família Xavier, nos saraus em casa de André Luiz, na alegria que reinava nos corações amigos, na vivência fraterna, nas orientações doutrinárias e nos processos terapêuticos, seja no remédio homeopático ou nas reuniões de materialização. Da mesma forma, em Uberaba, lembrando-se de escantilhão, momentos de luz com as peregrinações a famílias carentes, a choupana de Antuza, a Casa Espírita de Lázaro, Casa Espírita de Sheila, a Comunhão Espírita Cristã, o Grupo Espírita da Prece, as visitas fraternas aos grupos espíritas, as confraternizações e o serviço da mensagem espírita. Páginas que, no futuro, poderão ser

eternizadas em romances históricos, pois estarão recheadas de lutas, sacrifícios, lágrimas, alegrias, esperanças, tudo pela revivescência do Cristianismo Primitivo. Os palcos foram as Cidades de Pedro Leopoldo e Uberaba, mas o cenário, nascido do sentimento de amor e lealdade aos ideais Cristãos, foi montado a partir da árvore frondosa do evangelho.

As mensagens psicografadas, muitas delas recebidas durante as reuniões públicas, passavam a formar livros e mais livros, tendo a figura de Jesus e seus ensinamentos, como tema central e, constantemente, como eterna novidade. No ano de 1.983, na Casa de Chico em Uberaba, quando a noite já nos brindava com uma branda suavidade, o Dr. Jarbas Varanda começa a dialogar com o Chico sobre o trabalho do evangelista Emmanuel, e que os temas abordados nos livros de interpretação das passagens evangélicas pareciam ter esgotado o assunto relativo aos ensinamentos de Jesus. Chico analisa e, conversando naturalmente, pergunta ao Dr. Jarbas se ele havia percebido que nas bem-aventuranças não existe referência à cultura

da inteligência, ou seja, Jesus não fala que são bem aventurados os homens de inteligência, e que todas as referências no Sermão da Montanha estão alinhadas ao sentimento. Como se percebe, Chico deixa uma mensagem inesquecível, recordando-nos de que as lições de Nosso Senhor Jesus ainda não foram esgotadas, e apresentam-se como eternas novidades.

Belíssimas páginas, escritas em ambientes simples, pobres, com preces inspiradíssimas, em que muitos choraram de alegria, pois sentiram os corações envolvidos de esperança, ligando-os, indelevelmente, ao Cristianismo primitivo. Momentos sublimes de paz e luz, ao impulso dessa Alma generosa que reencarnou apenas para servir, a exemplo de Nosso Senhor Jesus.

Parafraseando Emmanuel no livro Roteiro, podemos afirmar que Chico, simples e humilde, nos mostra a Doutrina Espírita como chave de luz para os ensinamentos do Cristo, exemplifica o Evangelho não como um tratado de regras disciplinares, nascidas do capricho humano, mas como a salvadora mensagem de fraternidade e

alegria, comunhão e entendimento, abrangendo as leis mais simples da vida. Apresenta-nos Jesus em maior extensão de sua glória, não mais como um varão de angústia, insinuando a necessidade de amarguras e lágrimas e sim na altura do herói da bondade e do amor, educando para a felicidade integral, entre o serviço e a compreensão, entre a boa-vontade e o júbilo de viver. Nesse aspecto, Chico nos mostra Jesus como o maior padrão de solidariedade e gentileza, apagando-se na manjedoura, irmanando-se com todos na praça pública e amparando os malfeitores, na cruz, à extrema hora, de passagem para a divina ressurreição. Além disso, dando o testemunho de que o Espiritismo será, indiscutivelmente, a força do Cristianismo em ação para reerguer a alma humana e sublimar a vida.

Com Chico, lembrando Emmanuel no livro Religião dos Espíritos, percebemos que a humildade nem sempre surge da pobreza ou da enfermidade que tanta vez somente significam lições regeneradoras, e sim que o talento celeste é atitude da alma que olvida a própria luz para levantar os que se arrastam nas trevas e que

procura sacrificar a si própria, nos carreiros empedrados do Mundo, para que os outros aprendam, sem constrangimento ou barulho, a encontrar o caminho para as bênçãos do Céu.

Por tudo isso, reconhecemos que se o Cristianismo esta de volta às telas da História, com o Consolador Prometido, isso se deve, em grande parte, às belíssimas lições, ao testemunho, à dedicação, à lealdade e à mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que sempre esteve a serviço de Jesus.



CAPÍTULO II

A PÁTRIA DO EVANGELHO

CAPÍTULO II

A PÁTRIA DO EVANGELHO



<http://www.verdadeliz.com.br/brasil-patria-do-evangelho-de-jesus/>

<http://data-limite-2019.blogspot.com.br/2015/03/por-que-profecia-de-chico-xavier-sugere.html>

O Século XX foi o Século de Chico Xavier, o maior fenômeno mediúnico já catalogado em tempos contemporâneos. Evidentemente que sua missão ultrapassas as fronteiras nacionais, mas, talvez, não tivéssemos a noção clara dos motivos de sua presença em terras Brasileiras, se o Espírito de Humberto de Campos não revelasse, quando do lançamento do livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, a missão reservada ao Brasil no concerto das Nações.

A presença de Chico, reencarnado em solo Brasileiro, e profundamente ligado às raízes do Cristianismo primitivo, é significativa, e revela um dos aspectos mais importantes no processo de difusão do Espiritismo, ou seja, havia chegado o momento de direcionar os esforços para a consolidação da feição religiosa do Espiritismo. A árvore do Evangelho deveria se consolidar em solo Brasileiro e representar um pouso de paz aos habitantes do Planeta Terra.

Nesse caso, o planejamento da Espiritualidade superior deveria contar com as características geográficas do Brasil, um País continental que poderia abrigar e confraternizar irmãos de outras Terras, ter apoio em suas riquezas naturais, e contar com a mentalidade de um povo acessível aos ideais Cristãos. Mas, o trabalho somente ficaria completo com a tarefa de difusão do Espiritismo, a 3ª revelação de Deus aos homens, moldada pelas características do Cristianismo Primitivo. Seria necessária, então, a presença de uma Alma simples, humilde, identificada com o Cristo e envolvida com as lições inesquecíveis do Evangelho de Nosso Senhor Jesus, para colorir as

ações com as tintas do amor ao próximo, segundo a beleza da parábola do Bom Samaritano.

Dando sentido a essas afirmativas, Emmanuel revela a missão evangélica destinada ao Brasil.

“A missão do Consolador em Terras Brasileiras, não está somente destinada a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro” (Emmanuel, prefácio do livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho).

Procurando espelhar a verdade sobre essa tarefa, vamos ouvir Humberto de Campos, quando nos fala, no livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, que nas grandes sociedades e nos lugarejos obscuros, a doutrina consoladora apresentou sempre as mais belas expressões de caridade e de fraternidade. Jesus, com as suas mãos meigas e misericordiosas, fez reviver no país abençoado dos seus ensinamentos as curas maravilhosas dos tempos apostólicos. Abnegados

médiuns curadores, desde os primórdios da organização da obra de Ismael nas terras do Brasil, espalharam, como instrumentos da verdade, as mais fartas colheitas de bênçãos do céu, iluminando todos os corações. Curando os enfermos, os novos discípulos do Senhor restabeleciam o espírito geral para a grande tarefa; vestindo os andrajosos, tocavam as almas de uma nova roupagem de esperança.

Enquanto na Europa a ideia espiritualista era somente objeto de observações e pesquisas nos laboratórios, ou de grandes discussões estéreis no terreno da filosofia, não obstante os primores morais da codificação kardeciana, o Espiritismo penetrava o Brasil com todas as suas características de Cristianismo redivivo, levantando as almas para uma nova alvorada de fé.

Todas as possibilidades e energias são aproveitadas para o bem comum e para a tarefa de todos os trabalhadores, e é por isso que todos os grupos sinceros do Espiritismo, no país, têm as suas águas fluidificadas, a terapêutica do

magnetismo espiritual, os elementos da homeopatia, a cura das obsessões, os auxílios gratuitos no serviço de assistência aos necessitados, dentro do mais alto espírito evangélico, dando-se de graça aquilo que se recebeu como esmola do céu.

Nas suas fileiras respeitáveis, só a desunião é o grande inimigo. Portanto, a principal questão do espiritualismo é proclamar a necessidade da renovação interior, educando-se o pensamento do homem no Evangelho, para que o lar possa refletir os seus sublimados preceitos. Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada à prática genuína do bem, repousam as bases da obra, cujo objetivo não é a reforma inopinada das instituições, impondo abalos à Natureza, que não dá saltos; é, sim, a regeneração e o levantamento moral dos homens, a fim de que essas mesmas instituições sejam espontaneamente renovadas para o progresso comum.

É dentro dessa serenidade, sob a luz da humildade e do amor, que os espiritistas do Brasil devem reunir-se, a caminho da vitória plena em

todos os corações. Está claro que a doutrina não poderá imitar as disciplinas e os compromissos rijos da instituição romana, porque, nas suas características liberais, o pensamento livre, para o estudo e para o exame, deve realizar uma das suas melhores conquistas e nem é possível dispensar, totalmente, a discussão no labor de esclarecimento geral. A liberdade não exclui a fraternidade e a fraternidade sincera é o primeiro passo para a edificação comum.

Dentro, pois, do Brasil, a grande obra de Ismael tem a sua função relevante no organismo social da Pátria do Cruzeiro, vivificando a seara da educação espiritual. E não tenhamos dúvida. Superior às funções dos transitórios organismos políticos, é essa obra abençoada, de educação genuinamente cristã, o ascendente da nação do Evangelho e o elemento que preparará o seu povo para os tempos do porvir.

Humberto de Campo ao referir-se à excelência da missão do Brasil no planeta, afirmaria, no livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, que cada nação, como cada indivíduo, tem sua

tarefa a desempenhar no concerto dos povos. Todas elas têm seus ascendentes no mundo invisível, de onde recebem a seiva espiritual necessária à sua formação e conservação.

Mas existe um desafio a vencer, o da educação nacional para as bases Cristãs, para que os filhos das outras terras, necessários e indispensáveis ao progresso econômico da nação, não se sintam dispostos a reviver, no Brasil, as taras de suas antigas organizações e sim, absorvidos no círculo espiritual do país do Evangelho, possam integrar as suas fileiras de fraternidade e evolução.

Todas as fórmulas humanas, dentro das concepções que exprimam, por mais alevantadas que se afigurem, são perecíveis e transitórias. A política sofrerá, no curso dos séculos, as alternativas do direito da força e da força do direito, até que o planeta possa atingir relativa perfeição social, com a cultura generalizada. A Ciência, como a Filosofia e as escolas sectárias, viverá entre dúvidas e vacilações, assentando seus feitos na areia instável das convenções humanas. Só o legítimo ideal cristão,

reconhecendo que o reino de Deus ainda não é deste mundo, poderá, com a sua esperança e o seu exemplo, espiritualizar o ser humano, espalhando com os seus labores e sacrifícios as sementes produtivas na construção da sociedade do futuro.

Mas, a realidade é que, não obstante todas as surpresas das ideologias modernas, afirma Humberto de Campos, a lição do Cristo aí está no planeta, aguardando a compreensão geral do seu sentido profundo. Sobre ela, levantaram-se filosofias complicadas e as mais extravagantes teorias salvacionistas. Em seu favor, muitos milhares de livros foram editados e algumas guerras ensanguentaram o roteiro dos povos. Entretanto, a sublime exemplificação do Divino Mestre, na sua expressão pura e simples, só pede a humildade e o amor da criatura, para ser devidamente compreendida. Do seu entendimento decorre aquele "Reino de Deus" em cada coração, de que falava o Senhor nas suas meigas pregações do Tiberíades — reino de amor fraternal, cuja luz é o único elemento capaz de

salvar o mundo, que se encaminha para os desfiladeiros da destruição.

E os verdadeiros aprendizes, os crentes sinceros no poder e na misericórdia do Senhor, esperam, com os seus labores obscuros, o advento da cristianização da humanidade, quando os homens, livres de todos os símbolos sectários de separatividade, puderem entender, integralmente, as maravilhas ocultas da obra cristã. E, serenos na sua resignação e na sua sinceridade, conhecem, ainda, que as lições do Evangelho não são símbolos mortos e aguardam, cheios de confiança no mundo espiritual, a alvorada luminosa do renascimento humano.

Afirma Emmanuel, em seu livro “Emmanuel”, que existe um trabalho imenso a realizar no sentido de fixar as bases cristãs na mentalidade do povo brasileiro. Uma mentalidade apoiada na firme decisão de vencer o egoísmo e praticar o sentimento legítimo de fraternidade em todos os pontos do solo brasileiro.

O nosso trabalho objetiva a formação da mentalidade cristã, por excelência, mentalidade purificada, livre dos preceitos e preconceitos que impedem a marcha da Humanidade. Formadas essas correntes de pensadores esclarecidos do Evangelho, entraremos, então, no ataque às obras. Os jornais educativos, as estações radiofônicas, os centros de estudo, os clubes do pensamento evangélico, as assembleias da palavra, o filme que ensina e moraliza, tudo à base do sentimento cristão, não constituem uma utopia dos nossos corações (Emmanuel, livro Emmanuel).

Humberto de Campos destaca seu pensamento dizendo que nessa abençoada tarefa de espiritualização, o Brasil caminha na vanguarda, pois o material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originariamente terrena e sim do plano invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho.



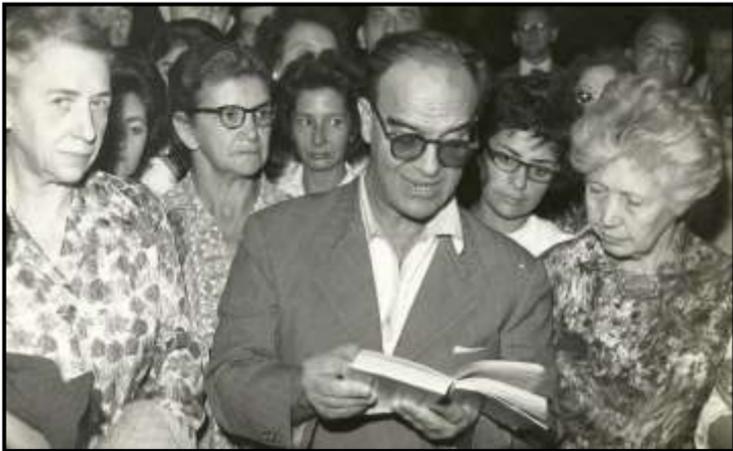
CAPÍTULO III

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

CAPÍTULO III

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. – Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. – Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o reino dos céus (Mateus, 5).



Chico Xavier lendo o Evangelho durante as inesquecíveis peregrinações

Neste e nos próximos capítulos, iremos abordar o tema das Bem-Aventuranças, procurando na vida e obra de Chico Xavier os exemplos que

permearam sua existência, bem como os esclarecimentos dos Espíritos que constam de sua obra mediúnica. Evidentemente que trata-se de uma pálida ideia, uma síntese, de fatos e comunicações, alusivos à vida e obra desse grande mensageiro do Cristo, mas que retrata a coerência e a lógica do pensamento Espírita no esclarecimento dos ensinamentos inesquecíveis do Evangelho.

Emmanuel, no livro *Justiça Divina*, afirma que *“toda fé, para nutrir-se de luz, deve ser raciocinada, em bases de lógica, pois, diante das Leis Divinas, cada consciência é responsável pelos próprios destinos”*.

A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver; é preciso compreender. Portanto, iniciamos o campo da edificação da fé, da construção da fé, sabendo que nesse percurso não poderemos dispensar uma preciosa prerrogativa do homem, o raciocínio e o livre-arbítrio.

E para aqueles que ainda estão em busca da fé, perguntamos como plantar a fé em nossos corações? Nesse sentido, Emmanuel nos diz, no livro “Assim Vencerás”, que é necessário alterar a paisagem de nossa vida íntima, para que a fé viva nasça e se desenvolva, por investimento de força transformadora, retirando do campo da própria alma, a indiferença, a ociosidade e o desânimo. A conquista da fé se faz menos penosa quando resolvemos ser fiéis às disciplinas decorrentes dos compromissos que assumimos.

Na condição do Consolador Prometido por Jesus, a Doutrina Espírita tem como base sua feição de fé raciocinada, e por isso, a Espiritualidade tem o cuidado de apresentar explicações racionais em torno da Justiça Divina, mais especificamente sobre a justiça das aflições, procurando dar sentido racional aos inquietantes problemas do ser, do destino e da dor.

E essa preocupação faz sentido, pois a maior parte das criaturas procura o ambiente espírita na busca de soluções para seus problemas, suas dores, perda de entes queridos, fatalidades

existenciais ou orientações sobre a vida, motivadas pela ideia de que a Doutrina Espírita, ao se apresentar como fonte de explicações racionais, coloca-se na condição de defensor da verdade.

Além disso, a condição da Religião como processo de alienação da realidade prática já não tem mais espaço na mente racionalista do mundo moderno. Portanto, quando a Doutrina Espírita fala da vida futura, estas informações devem ter fundamento na comprovação científica da imortalidade da alma ou no exame filosófico racional, trazendo para a reflexão fatos que possam ser aceitos como verdadeiros, de forma consciente, racional e natural.

Uma das tarefas principais do Espiritismo, na revivescência do Cristianismo Primitivo, é esclarecer, usando a fórmula da razão e de forma consciente, as afirmativas de Nosso Senhor, para que o Evangelho seja fonte de libertação para o Espírito. Portanto, na base desses esclarecimentos estão as noções sobre a vida futura com a comprovação da imortalidade da

Alma, para que a fé seja construída de forma segura, não permitindo qualquer tipo de alienação religiosa.

No Capítulo V do Evangelho Segundo o Espiritismo, no tema relativo à Justiça das Aflições, os Espíritos procuram uma justificativa para as aflições, levando-nos a raciocinar, com apelos para a racionalidade, em nossa condição de Espíritos eternos e nos atributos da Divindade. É uma forma diferente de apresentar um problema, onde o questionamento passa por uma análise racional, antes de ser entendido e aceito como verdade.

Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam uma enganação. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada

conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do Espiritismo, isto é, pela palavra dos Espíritos (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Para compreender a afirmativa de Jesus, “Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados”, em espírito e verdade, é preciso raciocinar em termos de vida eterna, inserindo a lei de evolução, através da reencarnação, na Justiça Divina, o que daria sentido à função da dor.

Portanto, à luz da imortalidade da alma e da lei de evolução, podemos afirmar que somente os que souberem suportar suas provas com espírito de aceitação Cristã, compreenderão a justiça segundo as leis de Deus e serão consolados, ou seja, somente os que souberem sofrer, isto é, suportarem suas provas com espírito de aceitação Cristã, encontrarão o caminho para viver segundo as leis de Deus. Em outras palavras, são bem aventurados aqueles que têm oportunidades de provarem a sua fé e sua submissão à vontade de Deus.

E, muitas vezes, essa compreensão somente acontece na vida futura, quando poderemos relacionar os fatos com a lei de causa e efeito, identificando nossos deslizes do passado como

fator de correção no presente. Neste caso, o passado falaria em nosso íntimo como causa, e o presente estaria em nós como efeito. Então, enxergando o passado no presente, compreenderíamos as causas de nossos sofrimentos atuais e que a nossa felicidade futura depende do espírito de aceitação atual.

Não se trata, nesse caso, de uma fuga deliberada à realidade, uma atitude de quem poderia estar alienado e acreditando que, apenas, na vida futura haveria a compreensão dos fatos. Kardec foi claro ao dizer *“Somente na vida futura podem efetivar-se **as compensações** que Jesus promete aos aflitos da Terra”*, ou seja, as compensações em termos de conquista da paz, de alegria pelo dever retamente cumprido, da verificação se os débitos foram realmente quitados, somente podem se verificar na vida futura, pois esta situação depende das deliberações que o Espírito tome, até no último momento de sua existência. O mesmo não acontece com o entendimento da Justiça Divina, o que, muitas vezes, pode acontecer na presente existência, através de revelação

mediúnica ou pela compreensão da lei de causa e efeito, por análise lógica dos fatos.

Neste ponto, poderia surgir um problema de fundo existencial, ou seja, como justificar a aceitação da dor. Neste caso, na atualidade, somente a Doutrina Espírita pode oferecer uma resposta adequada, em função de se apresentar sob um tríplice aspecto, de Ciência, Filosofia e Religião. Nesse contexto, podemos dizer que a aceitação é uma virtude ativa e consciente porque decorre de uma Fé Racional (Filosofia), baseada na certeza da vida futura (Ciência) e no entendimento da Justiça Divina (Religião), tendo como base a Lei de Evolução construída através das vidas sucessivas (Filosofia e Ciência).

Portanto, a aceitação, com base em uma filosofia de vida, constitui um valor evangélico condicionante da felicidade íntima, podendo ser considerada como o prelúdio da cura, conforme afirmativa encontrada no Evangelho Segundo o Espiritismo, pois a resignação no sofrimento é sinal de que o Espírito aprendeu a lição e apresenta-se como fator de renovação espiritual.

Em síntese rápida, podemos afirmar que, realmente, são bem aventurados aqueles que têm a oportunidade de provar a sua fé e sua submissão à vontade de Deus, enfrentando de forma consciente os problemas existenciais, com força e coragem, com confiança nos desígnios do Pai e sempre tocado pela esperança porque terão em cêntuplo a alegria que lhes falta na Terra.

Em “Lindos Casos de Chico Xavier”, Ramiro Gama nos conta uma passagem ocorrida em Pedro Leopoldo, numa sessão do Centro Espírita Luiz Gonzaga, em fevereiro de 1956. Um auditório numeroso superlotava o Centro. Perto de Chico, um grupo de mães sofredoras e pesarosas, chorando a perda de entes queridos, a falta prematura de seus filhos amados. O querido médium ouviu-as com atenção e considerou amorosamente: Minhas irmãs, consolai-vos com a verdade de que um dia vereis, na Pátria Espiritual, os vossos filhos, todos os vossos entes familiares. É preciso, no entanto, que o regresso seja triunfante, para vê-los, também, triunfantes. E, para triunfar é necessário que luteis, que não deixeis de lutar. Transformai, pois, esta tristeza do

mundo, que vos adoce a Alma, em tristeza segundo Deus, que tudo sabe. A luta é redentora. É ela que nos fará vencer a morte em busca da vida verdadeira. Estou a 28 anos no exercício da mediunidade. Ainda não passei um dia sem sofrer e chorar, mas parar de lutar, nunca. Nosso dever é lutar, com fé, como uma gratidão a Jesus, que até hoje luta e sofre por nós. Todos os olhos cheios de lágrimas das mães presentes deixaram de chorar e encheram-se de um novo brilho. Consolaram-se. Em seus corações caíram luzes esclarecedoras, flores do coração de um valoroso servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

No capítulo das experiências de vida, é importante considerar a lei dos renascimentos sucessivos, como fator condicionante a nossa felicidade ou infelicidade atual, conforme encontramos no Evangelho Segundo o Espiritismo, segundo anotações de Kardec, descritas no Capítulo V, Causas Anteriores das Aflições.

Pois, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo

como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna; as enfermidades de nascença. Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte. Problemas esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese da alma ser criada no momento do nascimento.

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido na sua existência atual, mas nunca escapa às consequências de suas faltas. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, bem como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos.

Assim se explicam pela pluralidade das existências as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque aquele que se eleva, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe.

Todo sofrimento suportado neste mundo denota a existência de uma determinada falta, criada nesta ou em outras existências, mas muitas vezes, também, são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso.

Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos vão se libertando, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Chico Xavier se expressava com especial carinho pelo Cap. V do Evangelho Segundo o Espiritismo, talvez, porque, as dores pudessem ser acalmadas

em contato com os ensinamentos contidos nas páginas do Capítulo Bem Aventurados os Aflitos e um consolo brando, pacificado no entendimento da vida à luz dos renascimentos sucessivos pudesse nascer nos olhos e nos corações de mães, pais e filhos, cansados de tanto sofrimento.

Emmanuel, sublime pedagogo da vida eterna, esclarece, no livro Caminho, Verdade e Vida, psicografado por Chico Xavier, que a reencarnação é lei universal e que sem ela, a existência terrena representaria turbilhão de desordem e injustiça; à luz de seus esclarecimentos, entendemos todos os fenômenos dolorosos do caminho. Para correção de nossos desvios, considerando nossa condição de Espíritos eternos, **a Providência Divina, corrige, amando. Não encaminha os réus a prisões infectas e úmidas. Determina somente que os comparsas de dramas nefastos troquem a vestimenta carnal e voltem ao palco da atividade humana, de modo a se redimirem, uns à frente dos outros.** O Pai identifica as necessidades de seus filhos e reúne-os, periodicamente, pelos laços de sangue ou na rede

dos compromissos edificantes, a fim de que aprendam a lei do amor, entre as dificuldades e as dores do destino, com a bênção de temporário esquecimento.

Aos poucos, vamos compreendendo que nos achamos ligados, de forma incondicional, ao princípio inevitável da Reencarnação, e, conforme a justiça de Deus, a se expressar na embalagem da misericórdia.

A pedra que atiramos no próximo talvez não volte sobre nós em forma de pedra, mas permanece conosco na figura do sofrimento (Emmanuel, Vida e Sexo).

Nos ciclos reencarnatórios muitas provações são impostas aos Espíritos endurecidos e livremente escolhidas e aceitas pelos Espíritos arrependidos, e isto, em obediência aos critérios da Justiça Divina, que mandar dar a cada um segundo as suas obras. Assim, podemos afirmar que somos herdeiros de nós mesmos na longa jornada evolutiva, e nos tempos do consolador, os Espíritos estão voltando da vida de além-túmulo a fim de comentar o impositivo da consciência

tranquila diante da lei, e que se o amor reina soberano, a Justiça se cumprirá rigorosa, na senda de cada um.

Assim, compreender os reveses da vida sob o prisma da Justiça Divina é fator de serenidade íntima, por isso mesmo a revolta não tem espaço no mecanismo das leis de Deus.

Nenhuma lágrima existe destituída de significação, e os soluços de dor são compreensíveis até o ponto em que não atingem a revolta, porque, depois disso, se convertem em censura infeliz aos planos de Deus (Emmanuel, Estude e Viva).

CAPÍTULO IV

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

CAPÍTULO IV

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

Bem-aventurados os pobres de espírito, pois que deles é o reino dos céus (MATEUS, 5:3).



Chico Xavier na distribuição fraternas aos mais carentes

Conquistar acesso ao “Reino de Deus”, conforme afirmativa do Evangelho, somente é possível pela

porta da humildade, da simplicidade de coração, e isso com a aprovação implícita da nossa consciência, já que, conforme afirma Jesus, o “Reino de Deus” esta dentro de nós e não vem com aparências exteriores. Portanto, é o encontro do Espírito consigo mesmo, depois de passar por inúmeras provas necessárias ao seu crescimento espiritual, e se colocando com a consciência tranquila perante os seus irmãos em humanidade.

No “Evangelho Segundo o Espiritismo” encontramos a afirmativa que o reino dos céus é dos simples, querendo significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a simplicidade de coração e humildade de espírito; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus.

Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a

revolta contra ele. Mais vale, pois, que o homem, para felicidade do seu futuro, seja pobre em espírito, conforme o entende o mundo, e rico em qualidades morais.

Para que essa bem aventurança possa tocar a nossa Alma, vamos recordar a passagem de Chico, narrada no livro “Lindos Casos de Chico Xavier”, intitulada “Barata na sopa”. Um conto simples, mas que marca o desejo de um jovem simples e humilde de fazer as pessoas felizes.

D. Josefina era uma senhora cega e muito estimada nos arredores de Pedro Leopoldo. Senhora humilde tinha verdadeira adoração pelo Chico. Seu desejo maior era o de que seu conterrâneo, um dia, jantasse com ela. Tanto pediu que o filho de D. Maria João de Deus a atendeu.

Foi marcado o dia e o Chico compareceu. A mesa estava posta. Numa ponta, sentou-se o convidado de honra, na outra, sua admiradora e, nos lados, duas amigas, conhecidas de ambos. Por ser pobre, D. Josefina apenas fez uma sopa

substanciosa. No prato fundo, diante de cada convidado, achava-se a sopa, contendo ingredientes apetitosos. O médium, emocionado com o tratamento afetuoso foi tomando a sopa devagar, dando atenção à palavra da dona da casa, quando, de repente, encontra uma barata preta no meio do prato. Afasta a barata para o lado, no momento em que D Josefina lhe pergunta:

- Então, Chico, esta gostando da minha sopa? Olha que a fiz com muito cuidado e carinho em sua homenagem.

- Está ótima, minha irmã. Sou-lhe muito grato pela sua bondade. Não mereço tanto.

E para que ninguém observasse o seu achado, foi conversando e tomando a sopa. D. Josefina ria de contente. O humilde homenageado sentia-se contrafeito, mas, diante da alegria da irmã querida, que se sentia tão honrada com sua presença esqueceu-se da barata e começou a conversar animadamente, contar casos e comer.

No fim, quando todos acabaram, olhou para o prato, estava vazio. Havia tomado a sopa e a barata também, mas concorrera para alegrar o coração de uma velha e sincera admiradora. Valeu o sacrifício.

Vejam, agora, a importância da humildade como disciplina de acesso aos planos superiores. Na Espiritualidade Superior, as avaliações de aproveitamento são a paciência, disciplina, espírito de serviço e de auxílio aos semelhantes, no entanto, a última, e a mais difícil de todas, é a humildade, afirma Emmanuel, na mensagem intitulada “A última prova”.

Emmanuel nos traça uma verdadeira peregrinação de ascensão espiritual, um roteiro seguro, quando nos afirma que a humildade não está na pobreza, na indigência, na penúria, na necessidade, na nudez e nem na fome. A humildade está na pessoa que tendo o direito de reclamar, julgar, reprovar e tomar qualquer atitude compreensível no brio pessoal, apenas abençoa. E continua o evangelista, no livro Justiça Divina, dizendo que depois de todos os teus gestos de fraternidade e

benevolência, ainda te perseguem, abençoa-os em prece e continua, na certeza de que humildade, na hora de crise, é nota de quitação.

Fica evidente que o bastão de arrimo do Espírito é o amor e a humildade, conselheiros amigos e diligentes, ofertando-nos acesso à porta do crescimento espiritual. Parafrazeando André Luiz, na mensagem intitulada Vitória, podemos afirmar: sabendo que os inimigos a vencer estão em nós mesmos não adianta vencer sem melhorar-nos, por isso o programa diário é "amar o próximo como a si mesmo", para que a vitória seja a alegria interior com a bênção de Deus.

Em outra passagem evangélica, vamos encontrar o Mestre nos indicando a melhor posição no banquete da evolução, a de humildes servidores que se colocam nas últimas posições e que não tem outra intenção a não ser a de servir de forma incondicional, sem exigências de qualquer espécie.

Jesus entrou em dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para aí fazer a sua refeição.

Notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola, dizendo: Quando fordes convidados, ide colocar-vos no último lugar, a fim de que, quando aquele que vos convidou chegar, vos diga: meu amigo venha mais para cima. Isso então será para vós um motivo de glória, diante de todos os que estiverem convosco à mesa; porquanto todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado (Lucas, 14:1 a 11).

O Espiritismo sanciona pelo exemplo a teoria, como nos afirma Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra; e bem pequenos, muitas vezes, os que na Terra eram os maiores e os mais poderosos. E que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no céu e que não se perde nunca: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que lhes constituía a grandeza terrena e que se não leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do nascimento.

Nada mais possuindo senão isso, chegam ao outro mundo privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservaram apenas o orgulho que mais humilhante lhes torna a nova posição, porquanto veem colocados acima de si e resplandecentes de glória os que eles na Terra espezinham.

O Espiritismo continua Kardec, aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem em existência seguinte às mais ínfimas condições, desde que os tenham dominado o orgulho e a ambição. Não procureis, pois, na Terra, os primeiros lugares, nem vos colocar acima dos outros, se não quiserdes ser obrigados a descer. Buscai, ao contrário, o lugar mais humilde e mais modesto, porquanto Deus saberá dar-vos um mais elevado no céu, se o merecerdes.

O que será narrado a seguir pode ser comparado a um tratado de simplicidade. Ramiro Gama, em seu livro “Lindos Casos de Chico Xavier”, ao

relatar um pouco da vida de Chico, coloca a descoberto o segredo da vida, que reside em contentar-se com a vida pura e simples. Vamos, então, viajar um pouco no tempo e voltar a Pedro Leopoldo, onde Emmanuel, em certa manhã ensolarada, vendo Chico sentado à entrada da porta, doente e febril, coloca a mão em seu ombro e diz: Amanhã irei mostrar-lhe a “fazenda do Pai”, a natureza, para que você a sinta e compreenda, e possa dela traduzir a mensagem amorosa e retirar os remédios mais santos e eficientes para curar-se, ser mais útil e feliz. E se você como penso, assimilar o que lhe vou mostrar, para certificar-se de que o bem que fazemos é o nosso bem, que quem dá recebe mais, ficará curado, porque vai mudar de vida, agir de outra forma.

E na manhã seguinte, de fato, Emmanuel ensinou ao Chico, primeiramente, a orar, depois, a tomar vagarosamente o café da manhã, a fim de senti-lo e analisar seu plantio, a sua colheita, a sua história; e assim fez com o pão, traduzindo-lhe a lição magistral.

Depois partiu para o trabalho, ainda acompanhado do bondoso conselheiro e amigo, atendendo e correspondendo, atenciosa e alegremente, como era aconselhado, a todos os cumprimentos, principalmente quando de um “vá com Deus”, “Deus lhe pague”, “Deus lhe ajude”, saídos dos corações que beneficiamos e que são luzes que entram pela nossa alma, sentimentos de Paz que chegam ao nosso coração como remédios curadores.

E caminho afora, nessa manhã clara de sol, o abnegado “Emmanuel” foi mostrando-lhe todos os valores da “fazenda do Pai”. Cada pormenor do valioso patrimônio apresentava, com a explicação dada, uma significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, a poeira, simbolizando uns o desvelo do homem e, outros, a misericórdia de Deus; o frio, a ponte, que serve a pobres e ricos, a maus e bons. Chico calado vai guardando os ensinamentos recebidos, com amor, atenção e respeito. E dias depois, como previra “Emmanuel”, o querido irmão está curado, forte, alegre e feliz.

Chico nos levou ao interior de sua singela casinha, a participar da sessão em que recebemos mensagens tocantes de “Emmanuel”, respondendo-nos a questões, uma poesia sentida e bela de Casimiro Cunha que nos arrancou lágrimas, e um Soneto de Augusto dos Anjos. Terminada a Sessão, o Chico, sempre amável, acompanhou-nos ao hotel, prometendo levar-nos na manhã seguinte ao seu posto de serviço, a fim de desfrutarmos de um belo passeio matinal.

Dormimos e acordamos bem cedo, demandamos à Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, onde Chico trabalha e é estimadíssimo. É ali, no seio de uma Natureza festiva, de um sol sempre vivo e caricioso, afagado por brisa leve e benfazeja, sentindo a música dolente dos pássaros livres e felizes, brincando à nossa frente, como a nos saudarem, que o Chico demonstra sua admiração pela natureza e onde melhor o conhecemos. Vendo em tudo poesia e oração, arte, lições num grande livro aberto, Chico trata as árvores como irmãs. Para ele as águas falam e ele as entende; a Cachoeira barulhenta e a quietude profunda dos rios têm semelhança com certas

criaturas. Um raio de luz, uma carícia, um inseto que voeja, lhe chamam a atenção, fazem-no pensar e lhe arrancam sorrisos dos lábios e fulgurações dos olhos vivos, ternos e mansos. Em tudo vê Poesia e Vida, Verdade e Luz, Beleza e Amor, e, acima de tudo, a Presença de Deus! Que sensibilidade apuradíssima: que coração grandioso lhe bate dentro do peito, capaz dos maiores gestos de bondade, de renúncia, de gratidão, de piedade e de humildade!

E já na hora da despedida é que Chico nos revela qual o desejo maior que afagou em toda a sua vida de encarnado, e que recentemente lhe foi satisfeito: ter um quarto seu com uma janela toda de vidro para poder ver o Céu, de noite, cheio de estrelas, sentir os mundos imensos que estão rolando pelo infinito como lenços a nos acenar, a nos chamar e pedir que lutemos para merecê-los. Quer ver o céu ainda para ver os Espíritos que vêm e vão.

Certa vez, Chico afirmou que deveríamos aprender a viver dentro de nossas possibilidades, pois buscar uma vida de aparências, fora da

realidade, só nos levava para um abismo sem volta. Devemos construir a sua vida aos poucos, lutando a cada dia e extraíndo da vida o que ela tem de melhor, a simplicidade.

Foi Camile Flammarion quem disse que precisamos olhar menos para a Terra e mais para o Céu, porque o silêncio do Céu é mais eloquente que todas as vozes humanas. O aspecto de sua abóbada celeste nos enche de admiração e falamos de Deus, mas de um Deus verdadeiro. Por que o Deus dos espíritos não é o Deus dos exércitos; não derrama sangue, não fala de guerras, não anda a vencer batalhas, não conduz às infâmias da inquisição, não faz queimar vivos, como heréticos, de irmãos outros que tenham religiões diferentes da nossa; não sustenta o erro; porque esse Deus que o Céu nos mostra é a Suprema Justiça, a Suprema Verdade, o Amor, e paira, impecável e sereno, na sua luz e no seu poder!

As criaturas que olham para o Céu, que gostam do Céu, que falam com o Céu, são criaturas diferentes, estão de passagem; e, sentindo

saudades da Pátria verdadeira, distante, procuram minorar essa saudade olhando o infinito, traduzindo-lhe a mensagem silenciosa. Chico Xavier é, assim, uma criatura do Céu!

CAPÍTULO V

**CHICO XAVIER E AS
BEM-AVENTURANÇAS**

CAPÍTULO V

CHICO XAVIER E AS BEM-AVENTURANÇAS



Chico com os irmãos necessitados em distribuição fraterna

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas

crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Segundo apontamentos de Kardec no Evangelho, todos lhe admiram a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. Entretanto, existiu um homem, em pleno século XX, que personificou a mensagem do Evangelho, traduzindo em exemplos, as lições inesquecíveis da Galileia distante.

Levantou o estandarte da Caridade, e unificou pontos de vistas em torno dessa bandeira. Se surgiram desentendimentos, os clamores foram pacificados pela mensagem das bem aventuranças, traduzidos em exemplos vivos e simples, que os simples de coração conseguiram entender.

Os tratados de moral evangélica, em modernos estilos literários, sempre tiraram a o brilho das

bem aventuras, que constituem, em sua pureza original, o encanto e a simplicidade das lições permanentes de Jesus. Entretanto, esse homem, chamado humildemente de Chico, adotou a postura evangélica como padrão de vida e carregou a bandeira da Caridade como símbolo de unificação dos mensageiros do Cristo. Caridade de entregar sua vida à disciplina da tarefa espírita, através da qual foi possível a publicação de centenas de obras, e que representam caminho para a libertação espiritual das criaturas humanas. Caridade de se fazer o servidor de todos e contribuir para o esclarecimento e consolo de milhões de Almas, através da difusão da ideia espírita, com a implantação de Casas Espíritas, levando consolo com as mensagens mediúnicas e a edificação de inúmeras obras assistenciais.

Chico passa a ser o leiteiro vivo das bem aventuras desde a paisagem simples e pobre de sua infância até o despertar na espiritualidade, com a missão cumprida junto a Jesus. Na infância e primeira juventude convive com as dificuldades de uma vida simples, mas sempre coroada de alegria, e, justamente, nesse ponto deixa o

testemunho da fé, iniciante, mas consolidada, norteadora da felicidade, pois baseada na confiança absoluta nos desígnios de Deus. Aprendeu com a Mãezinha, apesar de seus cinco anos, a soletrar as primeiras letras da fé, rezando em família, todos os dias ao entardecer, ajoelhado no piso batido da casinha simples, mas trazendo no peito o coração puro, a recordar a bem aventurança de Jesus “bem aventurados os que têm puro o coração, porque eles verão a Deus”.

No livro de Ranieri, intitulado “O Prisioneiro do Cristo”, temos o depoimento da Irmã de Chico, Maria Xavier Pena, sobre a família Xavier, no ambiente da mais pura simplicidade e que, talvez, possa ilustrar a importância da humildade e da pureza de coração na construção da paz. No relato, o ambiente em que o Chico vivia na distante Pedro Leopoldo. Conta Maria Xavier que Maria João de Deus casou-se aos 13 anos de idade com João Cândido Xavier, sendo que nessa época trabalhavam ambos em Sabará. Mamãe deixou uma semente de amor no coração de cada filho, pelas suas expressões de bondade e de simplicidade. Soube ser mãe dedicada, esposa

responsável e fiel, sem medir sacrifícios, mesmo nas fases mais aflitivas de nossa vida.

Me vem à lembrança uma época em que papai lutava com muitas dificuldades para manter a família e mamãe sempre acatava com um sorriso, ainda que fosse triste, as ideias e a vontade do chefe da casa. Tínhamos um pequeno armazém, que naquele tempo chamávamos venda. Para nós, na nossa ingenuidade, papai tinha uma venda e era negociante! E todo mundo ficava tranquilo, sem sequer pensar com seriedade nos compromissos que teríamos que assumir mais tarde.

Lá em casa todo mundo tinha uma obrigação, que precisava cumprir Enquanto não cumprisse a tarefa marcada por mamãe, não podia brincar. As tarefas eram simples, fáceis de realizar porque o lar era muito pobre materialmente falando, mas sempre eu notei na minha infantilidade que havia muita paz e nós tínhamos um respeito que era até veneração por Maria João de Deus.

Ela era calada, tinha uma fisionomia serena e muito tranquila; nunca vi mamãe reclamando, nem chorando, nem discutindo com papai e com minhas irmãs maiores. Ensinava-nos mais com exemplos do que com palavras. Pelo olhar com que ela recebia os nossos malfeitos, em silêncio ela exprimia tudo e para nós doía como uma chicotada no coração. Aquele que tinha sido repreendido sentava num canto para estudar uma maneira de se aproximar do coração de Maria João de Deus. Às vezes quando ficávamos muito ressentidos, tristonhos, sem querer reerguer a cabeça, então ela vinha devagarzinho, dava uma ordem para levar um recado a papai na venda ou a uma amiga e assim as mágoas de ambos (mãe e filho) desfaziam e tudo continua normal.

Mas, o quero relatar é que papai revolveu mudar-se de Pedro Leopoldo, incentivado por um amigo, para um lugar chamado Lapinha e ninguém recusou, apesar das saudades que sentimos de Pedro Leopoldo. Lá ficamos apenas seis meses. Papai ampliou um pouco a vendinha, num cômodo maior e a casa era também grande e arranjamos alguns amigos. Lembro-me que papai nesse curto

espaço de tempo foi festeiro do mês de Maria e a noite, saíamos todos para a Igreja ficando mamãe sozinha tomando conta da venda. Uma noite, fomos chamar papai às pressas na Igreja, pois mamãe havia sido vítima de um grande desgosto por parte de um freguês e estava quase desmaiada. Nossa casa era iluminada por lampião e velas, pois no lugar não havia luz elétrica. Amigos socorreram mamãe, fecharam a venda, mas o abalo foi tão forte, que no outro dia papai começou arranjando as coisas para voltarmos para Pedro Leopoldo. Desta data em diante, mamãe foi adoecendo devagar; ainda viveu muito tempo, porem sempre doente e tristonha. Desencarnou aos 34 anos de idade, deixando nove filhos.

Mamãe nos ensinou a orar e amar a Deus da forma como ela amava: trabalhando, sofrendo sem reclamar, cultivando o amor em nossos corações. Ela procurava ser compreensiva com todos; tinha muitas amigas, concordava com os vizinhos e nossa casa era sempre procurada por pessoas que gostavam de conversar com ela, pedir conselhos, ajuda, as mais das vezes

espirituais. Conforme os conselhos que ela daria, eu recorde que gostava de ficar a sós com a pessoa, não consentindo que nós ouvíssemos os particulares que as amigas lhe falavam, pedindo ajuda.

O nosso jantar era muito cedo, por volta das quatro horas da tarde, e mamãe gostava de fazer crochê. À tarde, então depois que lavavam os pratos, sentavam todos os filhos em volta dela, num passeio que tinha na porta da rua. Ali brincávamos com as outras crianças, enquanto ela tecia e de vez em quando passava algum amigo ou amiga, cumprimentava, parava um pouquinho com ela, palestravam, e Maria João de Deus não nos perdia de vista. Não podíamos ir longe, a recomendação era sempre a mesma: brinquem só por perto, daqui a pouco vamos entrar. E a gente obedecia, porque senão entrávamos mais cedo.

Fazíamos os deveres de escola, ela tomava tabuada, pontos, ensinava o Pai Nosso e todo mundo ia dormir. Nossa casa era alegre muitas vezes! Minha irmã mais velha estudou música e tocava bandolim muito bem. As companheiras

também tocavam outros instrumentos, reuniam-se lá em casa e toda semana a gente ouvia uma orquestra que fazia gosto.

Pelo relato acima, percebemos que a pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade, talvez, por isso a condição de pobreza material de que se revestem muitos missionários do amor. Não importa o meio, mas no ambiente de simplicidade material o Espírito tem mais facilidade para envergar a capa da simplicidade espiritual.

Falar de pureza de coração é lembrar o início da mediunidade do Chico, com o amparo da Doutrina Espírita. Imaginemos um jovem de 17 anos abraçando o compromisso, com o Cristo e sua própria consciência, de entregar a sua faculdade mediúcnica aos ditames da espiritualidade superior. Somente uma fé vigorosa poderia condicionar esta atitude.

Mas, vejamos como o próprio Chico descreve a primeira reunião, realizada em 08 de Julho de

1927, reveladora de simplicidade e pureza de coração.

"Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração. As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembleia de entidades amigas me fitava com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao

caminho a percorrer” (Fonte: "O Espírita Mineiro", número 137, abril/maio/junho de 1970).

A vida de Chico Xavier é uma epopeia de amor e dedicação às diretrizes emanadas da esfera do Cristo, sua obra a confirmação da finalidade principal do Espiritismo que é a revivescência do Cristianismo Primitivo, e suas atitudes revelam a forma simples de viver segundo as bem-aventuranças.

Passada essa fase de iniciação mediúnica, os percalços enfrentados pelo médium Mineiro e suas atitudes centralizadas no trabalho, na disciplina, na dedicação, na responsabilidade, sempre encontraram ressonância nas lições de Nosso Senhor Jesus, vivenciadas com humildade, renúncia, respeito, simplicidade e muito amor, o que valeria dizer que sua exemplificação é um resumo das bem aventuranças aplicadas, no padrão de Jesus, no decorrer de toda a sua vida.

Um fato que merece destaque na vivência mediúnica de Chico Xavier foi a postura sempre enérgica em relação às questões doutrinárias,

sem perder as características do bom Cristão, ou seja, mantendo sempre a amizade, o respeito, a compreensão e o amor pelos companheiros de ideal. Portanto, no decorrer de seu trabalho mediúnico, encontramos a postura enérgica e sábia do trabalhador, que assumiu um compromisso espiritual de divulgar a Doutrina dos Espíritos, mas tendo o cuidado de agir com espírito de vigilância. Nesse sentido encontramos o médium na atitude diligente de quem recebe um tesouro, e o distribui a todos, mas, na condição do lavrador consciente de que as pragas poderiam comprometer todo o trabalho, se não utilizasse os defensivos adequados, e, por isso mesmo, assume a atitude consciente de zelar pelo conteúdo doutrinário das publicações.

Tendo consultado a Emmanuel sobre o assunto da tradução dos livros dele e de Humberto de Campos para o espanhol, conforme sua notícia, disse-me o nosso generoso amigo espiritual que o caso é da alçada da Diretoria da Federação. Cremos que a Federação tem o direito de exigir alguma coisa, mormente no que se refere ao controle doutrinário

das publicações e a determinada parte do problema de venda dos livros. Estamos diante de um negócio material, porque, se a Federação não agir com espírito de vigilância, também não poderá reclamar quanto a qualquer desvio de natureza espiritual nessas traduções (Suely Caldas, Testemunhos de Chico Xavier)

Aliás, é oportuno recordar a mensagem “Práticas Estranhas”, encontrada no livro Opinião Espírita, psicografado por Chico Xavier e de autoria do educador Emmanuel, pois muitas extravagâncias doutrinárias podem surgir no terreno fértil do Consolador, personificado na terceira revelação aos homens, que é o Espiritismo, se não zelarmos pelo conteúdo das publicações ou mesmo na vivência prática da Doutrina. O amor, exemplificado no movimento espírita, não exclui a vigilância.

Este alerta é válido principalmente pela multiplicação de práticas estranhas ao Espiritismo, a pretexto de praticarem a caridade, mas esquecidos de que a Doutrina é um processo libertador de consciências, e não podemos mais

acorrentar a mente humana a práticas exteriores que não tem significado para a alma imortal.

PRÁTICAS ESTRANHAS

Emmanuel, Opinião Espírita

Muitos, companheiros, sob a alegação de que todas as religiões são boas e respeitáveis, julgam que as tarefas espíritas nada perdem por aceitar a enxertia de práticas estranhas à simplicidade que lhes vige na base, lisonjeando indebitamente situações e personalidades humanas, supostas capazes de beneficiar as construções doutrinárias do Espiritismo.

No entanto, examinemos, sem parcialidade, a expressão contraditória de semelhante atitude, analisando-a, na lógica da vida.

Criaturas de todas as plagas dos Universos são filhas do Criador e chegarão, um dia, à perfeição integral. Mas, no passo evolutivo em que nos achamos, não nos é lícito estar com todas, conquanto respeitemos a todas, de vez que inúmeras se encontram em

experiências diametralmente opostas aos objetivos que nos propomos alcançar.

Águas de qualquer procedência liquidam a sede. No entanto, com a desculpa de que todas são valiosas, não é aconselhável se beba qualquer uma, sem qualquer preocupação de limpeza.

Reflitamos nisso e compreenderemos que assegurar a simplicidade dos princípios espíritas, nas casas doutrinárias, para que as suas atividades atinjam a meta da libertação espiritual da Humanidade não é fanatismo e nem rigorismo de espécie alguma, porquanto, agir de outro modo seria o mesmo que devolver um mapa luminoso ao labirinto das sombras, após séculos de esforço e sacrifício para obtê-lo, como se também, a pretexto de fraternidade, fôssemos obrigados a desertar do lar para residir nas penitenciárias; a deixar o caminho certo para seguir pelo cipoal; a largar o prato saudável para ingerir a refeição deteriorada e desprezar a água potável por líquidos de salubridade suspeita.

Em Doutrina Espírita, pois, seja compreensível afirmar que é certo respeitar tudo e beneficiar sem complicar a cada um de nossos irmãos, onde quer que se encontrem, mas **não podemos aceitar tudo e nem abraçar tudo, a fim de podermos estar certos.**

Outro fato digno de menção foi a convivência de Chico Xavier com a família Joviano, quando ainda trabalhava em Pedro Leopoldo. Uma convivência que extrapolou os limites do serviço público, para ganhar o terreno da fraternidade pura, durante mais de 20 anos, desde o instante em que o jovem Xavier passa a integrar os serviços do Ministério da Agricultura, trabalhando na Fazenda Modelo, até a transferência da família Joviano para o Rio de Janeiro. Um período de dedicação ao “chefe” e amigo Romulo Joviano e a todos os seus familiares, onde a responsabilidade e a fraternidade guiaram os seus passos. Chico se fez o servidor de todos, sem nunca ter esquecido seus deveres mediúnicos.

Em suas inumeráveis passagens evangélicas vividas no calor das lutas terrestres, encontra-se sua transferência para Uberaba. Um

acontecimento marcante, cujos raios de luz refletem a vivência do verdadeiro Cristianismo, aliás, se através da mediunidade de Chico Xavier o objetivo principal estava relacionado à restauração das tradições do Cristianismo Primitivo, em suas lutas pessoais, o evangelho, também, deveria estar personificado. Mas o fato foi registrado pelo próprio Chico em carta endereçada ao amigo Joaquim Alves, datada de 10 de junho de 1962.

Em 1958, como é do conhecimento público, meu pobre sobrinho Amaury Pena, talvez deslumbrado pela ideia de lucros financeiros com livros mediúnicos, sentindo-se assediado por entidades infelizes e adversários do movimento espírita-cristão, não hesitou, quando contrariado em seus desígnios, cobrir-me o rosto com a lama de profundo sarcasmo. Durante quase um mês os Jornais do País me apontaram na categoria de mistificador criminoso. Entretanto os espíritos perturbadores, no caso do meu sobrinho, vinham pela frente o que me permitiu responder-lhes com a única maneira digna que vi diante dos meus olhos. Para não deixar em minha

folha mediúnica e espírita a notícia inverídica que entrara, um dia, em rixa com os entes amados de minha família, toda ela constituída de almas afetuosas e boas, mudei-me para Uberaba, a centenas de quilômetros da casa que Deus me concedera para cultivar o jardim do amor familiar e onde eu deixava convivência e hábitos regulares de quase cinquenta anos Não tomei semelhante atitude com quem traz uma pedra dentro do peito. O amor e o respeito à causa Mediúnica e à causa Espírita exigiam de mim um pronunciamento endereçado ao futuro (Chico Xavier).

Chico se despede da Cidade de Pedro Leopoldo levando na bagagem, apenas, uma mala e o caderno de endereços dos amigos, conforme ele próprio nos confidenciou em sua Residência. O caderno de endereços dos amigos é um tesouro de luz no coração de Chico, pois onde estivesse seu coração estaria aquecido pela bondade e consideração de muitas almas amigas, e a mala representava sua transferência física da Cidade que aprendera a amar com todas as forças do seu coração. Um momento de solidão, de reflexão, de início de um novo tempo em seu labor mediúnico,

mas, o gesto de renúncia de Chico reflete, de forma incondicional, sua adaptação às terras do evangelho, onde, muitas vezes, o sacrifício pessoal é necessário para permitir que os entes queridos, os amigos ou conhecidos continuem a viver no clima da paz e da serenidade. Somente o verdadeiro Cristão pode compreender essa verdade.

A doação dos direitos autorais dos livros mediúnicos psicografados por Chico Xavier é de uma beleza doutrinária extraordinária, pois, seu gesto, nos fala da sinceridade de propósitos e do desprendimento dos bens terrenos, em relação à tarefa que assumiu perante a Espiritualidade.

Imagine, meu caro Wantuil, se Jesus nos cobrasse direitos autorais de suas bênçãos, onde iríamos. É por isso que estranho a cobrança de tais vantagens por parte daqueles que o servem neste mundo. Isso é compreensível nos servidores da morte, sempre receosos do presente e do futuro, mas, nos filhos da vida eterna, não posso compreender (Suely C. Shubert, Testemunhos de Chico Xavier).

Outro aspecto da tarefa mediúnica de Chico Xavier e que se encontra incorporado aos seus próprios pensamentos, é o caráter impessoal que imprime às suas tarefas e obras, colaborando com Kardec quando este apresenta a Doutrina Espírita como Doutrina dos Espíritos, de caráter universal, não tendo, portanto, o cunho pessoal. Lembraríamos, então, que as mensagens recebidas, e presentes nos Livros de Kardec, não apresentam identificação dos médiuns, justamente para valorizar o trabalho dos Espíritos e não deixar margem à vaidade ou ao orgulho humano.

O trabalho nosso é de cooperação e nem ao próprio autor espiritual pode ser conferida a responsabilidade exclusiva do serviço, de vez que o Dono da Obra é Jesus (Suely C. Shubert, Testemunhos de Chico Xavier).

Emmanuel costuma dizer-me que “quando aceitamos o incenso do mundo, vamos perdendo o contado com a Vontade de Deus” (Suely C. Shubert, Testemunhos de Chico Xavier).

O trabalhador fiel ao bem não dispõe de intenção, nem de tempo para assaltar o nome e serviço dos

outros. Eu também, com a graça de Jesus continuo recebendo bordoadas aqui e ali, mas agora, mal acabo de “apanhar”, faço uma prece de agradecimento e vou seguindo para diante. A Justiça Verdadeira vem das mãos de Deus. Enquanto nos acusam e condenam, prossigamos trabalhando (Suely C. Shubert, Testemunhos de Chico Xavier).

Tomara possam os médiuns aprender que mais vale ser instrumento das consolações na intimidade de um lar, que erigir-se em cartaz da imprensa (Chico Xavier, Vozes do Grande Além).

Nas demonstrações fenomênicas, temos entidades veneráveis inibidas de fazer o que podem, porque, há grande número de médiuns que não se animam a fazer o que devem (Humberto de Campos, Cartas e Crônicas).

Outro fato importante ocorrido com Chico Xavier foi a presença do Messias em sua obra mediúmica, como um fator preponderante na reorientação do pensamento terreno, ou seja, o Evangelho de Jesus como a viga mestra na edificação da Nova

Era, assim como fez Kardec ao publicar o Evangelho Segundo o Espiritismo e deixar claro as características do Espiritismo e sua principal finalidade, que é a revivescência do Cristianismo Primitivo. Ao direcionar o Espiritismo para o aspecto religioso, a obra mediúcnica de Chico contribuiu para consolidar a tarefa de Allan Kardec, no sentido de reorganizar o edifício da crença, já que todo o arcabouço doutrinário do Espiritismo tem na fé Cristã sua base de sustentação.

A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício da crença, reconduzindo a civilização à suas bases religiosas (Emmanuel, A Caminho da Luz).

Este fato ressalta o caráter divino da obra mediúcnica de Chico Xavier na consolidação do caráter religioso do Consolador, ao colocar as bem-aventuranças, bem como todo o edifício filosófico do ensino Cristão, como referência às bases doutrinárias.

Os apontamentos de Jesus nas bem-aventuranças também estão presentes na atitude positiva do médium Xavier ao dar o testemunho da imortalidade, através de manifestações físicas, sem se valer de argumentações científicas, mas, simplesmente, apresentando o fenômeno como uma realidade natural. “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus”, afirma o Mestre, e Chico, coloca o coração à frente dos fenômenos físicos e afronta os Cientistas com a firmeza de sua fé, de sua responsabilidade e do desejo de auxiliar o próximo, sem se preocupar se os mesmos cientistas iriam acreditar no fato mediúnico ou relega-los ao domínio da mistificação.



Fotografia da materialização de Espírito ocorrida em Pedro Leopoldo e com o testemunho de Chico Xavier.

Alguns fenômenos foram registrados pela lente fotográfica, que constituem, para todos os que estudam os fatos espíritos, um manancial riquíssimo de observações a respeito da realidade espiritual. Ficou registrado, é fato, e fato incontestável.

Para dar o testemunho da realidade espiritual todos os presentes assinaram no verso da foto,

cujos detalhes foram registrados pelo próprio Chico Xavier. Muito foi escrito por jornalistas que estiveram presentes a estes encontros, quando a espiritualidade se fazia presente de forma realista e convincente, mas muito sofreu, também, o médium Chico Xavier quando estes mesmos jornalistas colocavam em dúvida a idoneidade do médium ou daqueles que participaram das reuniões de materialização.

Mas a atitude de Chico sempre foi pautada pela paciência, consideração, respeito e humildade perante as ofensas recebidas, confirmando que sua vida foi o retrato fiel das bem-aventuranças do Sermão da Montanha.



CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Com o propósito de destacar o comportamento cristão de Chico Xavier durante toda sua vida, mas notadamente no período em que exerceu a mediunidade, estaremos relacionando alguns fatos que podem ser considerados como mensagens permanentes de dedicação ao ideal espírita, e no sentido de compreendermos de que é possível ser médium e profissional, atender as obrigações familiares com responsabilidade e cumprir suas obrigações mediúnicas, com naturalidade, alegria, e, tudo isso, no clima de uma

aliança com a espiritualidade superior, sempre pautada na disciplina e no respeito ao próximo. Evidentemente que, nesse contexto, a presença de Emmanuel representou a ponte segura para os serviços de comunicação, esclarecimento e consolo entre os dois planos existenciais.

No livro “Nos Domínios da Mediunidade”, psicografado por Chico Xavier, o Espírito de André Luiz traz a informação de que o médium para ser investido de um mandato mediúnico, como um compromisso de trabalho espiritual, se faz necessário que o Evangelho seja o seu roteiro de luz, com aplicação de normas de conduta, bem expressas nas bem-aventuranças, conforme preconizava o Mestre Jesus. Com Jesus no coração, o médium auxilia aos outros objetivando sua renovação íntima, estando, constantemente, aplicando a expressão da Caridade com o perdão das ofensas, benevolência para com todos e indulgência para com as imperfeições alheias. Enriquecendo a própria alma com bondade, discricção, discernimento, perseverança e espírito de sacrifício, o médium será, na tarefa mediúnica,

um servidor idealista e desinteressado, cooperando com a Espiritualidade Superior.

Chico Xavier viveu no espírito da bondade, profundamente discreto no relacionamento com o próximo, possuidor de um discernimento extraordinário, principalmente por reconhecer, desde o início da vivência mediúnic, que a tarefa principal do Espiritismo é reviver as tradições simples do Cristianismo Primitivo, nunca se deixou levar pelo desânimo e dono de uma determinação muito forte para colocar os interesses espirituais da causa Espírita em primeiro lugar, e uma capacidade natural para o sacrifício em favor do próximo. Todas essas qualidades fundamentaram a confiança da Espiritualidade na tarefa mediúnic de Chico concedendo-lhe, então, um mandato mediúnic, que representou para o Chico o maior desafio para sua vida, mas tarefa cumprida com um forte sentimento de lealdade a Jesus, característica de sua alma sempre humilde e fraterna.

Desde sua juventude, o Espírito de Chico Xavier recolhe na bondade sua principal fonte de

sustentação, e desde o início de suas faculdades mediúnicas, conquanto pobre do ponto de vista material, se envolve nas bênçãos da caridade e percorre seu caminho com disciplina, em todos os compromissos assumidos. O que nos chama a atenção em Chico Xavier é sua perseverança em manter-se fiel a Jesus e a Kardec, sob a orientação do benfeitor Emmanuel, manter-se afastado de todo personalismo, conservar a simplicidade e a humildade por parâmetros do serviço doutrinário, vivenciar a paciência operosa que auxilia sem pressa, mas não interrompe o trabalho, nem mesmo quando as limitações físicas se façam presentes, utilizar do trabalho profissional para não ser pesado a ninguém, e como forma de combater uma das mais revoltantes ações do homem religioso, ou seja, viver à custa dos fiéis ou fazendo de seu trabalho doutrinário fonte de renda para o sustento pessoal, caindo nas malhas do profissionalismo religioso. Essas manifestações somente podem nascer de um Espírito superior, cujas experiências de vida o fizeram entender, há muito tempo, que servir a Deus é mais importante que servir a “Cesar”.

A realização de sua obra mediúnica revela a importância da presença de um Espírito protetor, intimamente ligado ao médium pelos laços mais santos de amor, dotado de um discernimento extraordinário, e aliado ao senso de disciplina que representaram o caminho mais adequado ao projeto espiritual. Um Espírito que estabeleceu a meta inicial de psicografar, inicialmente, 30 livros, mas que chegou a mais de 420 livros publicados, e com o zelo do educador que passava em revista, pessoalmente, todas as particularidades das obras psicografadas. Nada escapa das lentes atenciosas de Emmanuel, desde a realização de simples visitas fraternas, até a preparação, controle, publicação e distribuição dos livros mediúnicos que estavam sob sua responsabilidade.

Acreditamos que sem Emmanuel, a tarefa de Chico não teria alcançado os níveis qualitativos e quantitativos, em termos de produção mediúnica. Devemos lembrar, por exemplo, que somente a lucidez espiritual e a inteligência de Emmanuel para perceber, por exemplo, que os Espíritos de Humberto de Campos e André Luiz poderiam se transformar em arautos da verdade, em plena

imortalidade, com tanta sabedoria e consciência. Por isso mesmo, Emmanuel toma a deliberação de convocá-los ao trabalho de espalhar a verdade nas Terras do Cruzeiro, fadada a ser a pátria do Evangelho. Hoje, consideramos esses Espíritos como mensageiros elevados, mas foi Emmanuel quem soube descobrir e lapidar, por trás das inteligências brilhantes que os animavam, os irmãos em Cristo, desejosos de trabalharem pela revivescência do Cristianismo com as luzes da razão, do discernimento científico, aliando Ciência e Fé, através do conhecimento da vida futura, da lei de evolução e de elevados textos filosóficos, na amplitude da vida eterna.

O entendimento de Chico sobre os irmãos de outras crenças religiosas é altamente evangélico, como se pode perceber no texto da carta endereçada ao amigo Wantuil de Freitas e inserida no livro Testemunhos de Chico Xavier.

Recebi igualmente as notas sobre os trabalhos umbandistas. Creio que a tua atitude de auxílio é a que a Doutrina nos recomenda. Se os católicos romanos ou se os reformistas do Evangelho, sentindo os fenômenos

do Espiritismo, em seus templos, viessem a nós, buscando simpatia e cooperação, teríamos coragem de negar-lhes boa vontade e o possível amparo, a pretexto de sermos espíritas? O antigo lema de Allan Kardec — “Fora da Caridade não há salvação” — é uma bandeira para todos. Compreendo que nos cabe defender a pureza doutrinária, mas, a título de “pureza doutrinária”, não podemos esquecer que estamos com o Divino Mestre numa obra de educação, a partir de nós mesmos. E como realizar essa obra se fugimos do próximo, alegando que o próximo não pensa como nós? Emmanuel costuma dizer que “o Espiritismo, tanto quanto o Evangelho, é dinâmico” e somente agindo nos programas da Doutrina é que alcançaremos os seus objetivos de redenção. Se estivermos unidos no trabalho infatigável do bem, leais à boa consciência e firmes na prestação de serviço ao próximo, naturalmente colocaremos o Espiritismo no elevado nível em que deve situar-se, como legítimo orientador de quaisquer fenômenos de origem espiritual, sem perturbações e sem atritos. Isso, porém, depende de nós e não de legendas religiosas, na feição literal. (Suely Caldas Shubert, Testemunhos de Chico Xavier)

Admirável a atitude do médium Chico Xavier recomendando-nos abraçar os irmãos de outras crenças, quando procurados para entendimento de questões mediúnicas ou assuntos relacionados à vida eterna, no sentido de compartilhar informações ou esclarecimentos, sem qualquer divisão ou partidarismos que nos afaste uns dos outros em nome da fé. A fé religiosa encontra-se em regime de evolução e, por isso mesmo, deve existir compreensão mútua de nossas necessidades. É claro que na condição do consolador prometido, o Espiritismo traz, por delegação natural do Cristo, as vozes dos Espíritos que com mais amplitude nos reserva solução dos problemas existenciais à luz da reencarnação e da vida imortal, mas não podemos desprezar qualquer tipo de entendimento a pretexto de “pureza doutrinária”. Muito bem explicado pelo Chico, nas páginas do livro “Testemunhos de Chico Xavier”, o assunto deve merecer a atenção dos Espíritos de boa vontade para que a nossa fé não se esterilize à mingua de sentimentos fraternos.

Mas a atitude sempre ponderada de Chico é um convite à fraternidade universal, um momento de reflexão à luz das bem aventuranças que nos recomenda o amor incondicional a todos os irmãos em humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo
Espíritos Diversos, Parnaso de Além Túmulo
Emmanuel, Paulo e Estevão
Humberto de Campos, Brasil, Coração do Mundo,
Pátria do Evangelho
Emmanuel, Livro Emmanuel
Emmanuel, Assim Vencerás
Ramiro Gama, Lindos Casos de Chico Xavier
Emmanuel, Vida e Sexo
Emmanuel, Caminho, Verdade e Vida
Emmanuel, Estude e Viva
R. A. Ranieri, O Prisioneiro do Cristo
O Espírita Mineiro, número 137 de 1970
Ramiro Gama, Lindos Casos de Chico Xavier
Emmanuel, Opinião Espírita
Espíritos Diversos, Vozes do Grande Além
Emmanuel, A Caminho da Luz
Humberto de Campos, Cartas e Crônicas
Suely C. Shubert, Testemunhos de Chico Xavier



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação
Difusão Doutrinária

1ª edição – Dezembro/2017

Autor Intelectual
Leonel S. Varanda

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.